

EXEMPLOS QUE MARCAM VIDAS

Hábito de ler e desenvolvimento profissional são algumas das influências dos grandes mestres na carreira de docentes e personalidades

Por Gustavo Rodrigues
gustavo@humanaeditorial.com.br

Já dizia o ditado popular que 'por trás de todo grande homem, existe uma grande mulher'. E deve ser verdade na maioria das vezes. Mesmo assim, talvez, fosse o caso de se criar uma nova máxima: 'Toda pessoa de sucesso teve um grande mestre em sua vida'. E não estamos falando apenas de êxito financeiro, mas principalmente profissional e pessoal.

São características comuns desses mestres: bom senso, a autoridade por causa do seu conhecimento ou a perícia em algum campo específico. E há ainda os que marcam nossas vidas por meio de lições inesquecíveis, mesmo sem ter qualquer título de especialização ou graduação. Estes passam ensinamentos que não se aprende nos livros. Nessa reportagem, reunimos professores e personalidades que prestam homenagem àquelas que fizeram toda a diferença em suas vidas.

SEMLIMITE DE IDADE

Com 77 anos, dona Ailde Mendes Polari, natural de Antonina, litoral do Paraná, ainda conquista admiradores e seguidores. Entre eles, a professora Anecy Oncken, que leciona na Escola Municipal de Canhembora, zona rural de Morretes (PR). "Quando a conheci, percebi que poderia me espelhar em sua sabedoria e aprimorar meus conhecimentos, dedicando-me mais à prática em sala de aula".



O resultado desse encontro foi a construção, com investimentos pessoais e de amigos, da Colônia Pitagórica Clio, em Antonina. Hoje, o local recebe diariamente estudantes e grupos interessados em ampliar os conhecimentos. "Dona Ailde é uma referência em todos os momentos da minha vida, principalmente quando estou em sala de aula ou em algum curso de capacitação. Me recordo que uma vez usei palavras vulgares na apresentação de uma crônica, e dona Ailde, com toda diplomacia, me orientou para escrever com mais classe. Me ajudou bastante a lidar com meus alunos agora, quando passo por situação semelhante", conta Anecy.

LATIM E MÚSICA CLÁSSICA

O escritor, jornalista e professor baiano João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro não é membro da Academia Brasileira de Letras por acaso. Desde cedo, seu pai e grande mestre, Manoel Ribeiro, não dava descanso a ele. Foi quem mais o influenciou a ler e se informar, despertando assim, o gosto pela literatura. Por ser jurista e professor, Manoel não suportava a idéia de ter um filho analfabeto, tão pouco escritor. Queria que seguisse a sua carreira. Assim, em 1947, João iniciou os estudos com um professor particular. "Meu pai foi responsável pela pessoa que me tornei, mesmo que de uma maneira caótica e não planejada".

Diariamente, o rapaz relatava os textos que havia lido e, na maioria das vezes,

era obrigado a resumi-los e a traduzir alguns trechos. Nas férias, estudava também o latim. "Ele estava sempre pedindo para eu fazer uma porção de coisas que ele mesmo não fazia, como ouvir música clássica". As lições ensinadas eram muito fortes, assim como sua presença. Com isso, o relacionamento entre os dois não era dos mais tranqüilos. Quando começou a dar aulas, João Ubaldo levou para a sala a rigorosidade aprendida com o pai. "Eu lembro que passava muito tempo preparando as aulas, e tentava ter uma conduta exemplar".

O fato de não existir televisão em casa também contribuiu para seu hábito da leitura, já que o escritor o via como forma de diversão. O único contato com o restante do mundo era por meio de revistas como *O Cruzeiro* e rádios do Rio de Janeiro. Além disso, João Ubaldo Ribeiro cresceu em um casarão abarrotado de livros. "Tinha uma sala reservada para a biblioteca e para o gabinete de meu pai. Mas os livros, sobre todos os assuntos, inclusive ciências ocultas, não cabiam nela. Na verdade, mal se comportavam na casa. Com isso, tive acesso irrestrito a esse universo", lembra o escritor.

CONHECER OS ALUNOS

Durante o tempo em que cursou o ensino médio em Mogi Mirim (SP), Nivaldo Mariano de Fontes, de 61 anos, professor de matemática do Colégio Santo Américo, em São Paulo, teve vários mestres de quem se lembra com cari-

nho e admiração, mas um deles foi especial, o professor de química Benjamin Quintino. Deu aula ao jovem Nivaldo a partir de 1965 e tinha uma característica especial: tratava todos os cerca de 150 alunos como indivíduos. "Ele *nos* chamava pelo nome e conhecia os dramas familiares. Com isso, além de professor, acabou se tornando amigo de quase todos que foram seus alunos na época", lembra o matemático.

Nivaldo continuou o contato mesmo durante a faculdade, até 1974. "Quando alguém estuda para ser professor, raramente ensinam a forma que se deve fazer isso, da importância de conhecer o aluno". O professor também aprendeu com o seu mestre o que deve esperar do aluno como pessoa e como educando. "O conselho de maior valor foi, como professor, tentar conhecer o aluno. Também lembro do Quintino me dizendo que era para eu nunca me esquecer das coisas que eu mais gostava ou odiava nos professores, para não repeti-las com meus alunos".

DE ÍDOLO A PARCEIRO

O catarinense radicado em Curitiba Cristóvão Tezza, escritor com mais de 20 anos de carreira e autor de livros como *Tropo*, *Breve Espaço Entre Cor e Sombra* e *Filho Eterno* (vencedor de prêmios como Jabuti 2008 e do prêmio Portugal Telecom), também teve um grande mestre em sua vida. Tudo começou quando ele entrou na universidade, já com 25 anos de idade, para o curso de letras. "Lembro que o impacto maior que tive foi com a disciplina de iniciação a lingüística, ministrada pelo professor Carlos Alberto Faraco, que me abriu caminhos importantes de percepção de aspectos da linguagem", afirma.

Para Cristóvão, as aulas do professor significaram a passagem de uma visão puramente intuitiva da linguagem para o olhar e o método da ciência. "Acabei me tornando professor de língua portuguesa por influência direta dessa iniciação. Tenho lembranças ótimas desse curso". Mais tarde, já lecionando na Universidade Federal do Paraná, ele acabou produzindo dois livros didáticos em parceria com o próprio Faraco, com quem vem mantendo um diálogo produtivo há vários anos.



SAUDADES DA "TIA LAISE"

Giovanna Marques Hailer Felipe, assessora do centro pedagógico do Sistema Maxi de Ensino, em Londrina (PR), lembra com carinho da "Tia Laise", professora que teve quando cursou o pré-primário. E principalmente da frase pronunciada por ela diariamente: O que vamos conhecer hoje, meus amores? "Nunca sabíamos o que nos aguardava. Na segunda-feira, ela era cozinheira. Na terça, jardineira. No dia seguinte, recebíamos visita da delegada. E assim ia até a sexta-feira. Nossa professora era multifuncional", conta.

E foi pela maneira como "Tia Laise" apresentou esse novo mundo que a assessora se interessou por conhecer mais a fundo o português - é formada em letras. "Hoje, mesmo depois de alguns anos sem notícias dessa minha querida professora, ainda consigo fechar os olhos e vê-la à frente, com seu vestido azul, na nossa sala toda colorida, com letras e palavras coladas ou penduradas nas paredes, interpretando seu melhor papel: o de professora".

PARA CADA FASE, UM MESTRE

Nascido em 1935 numa pequena cidade do estado de São Paulo, chamada Santa Isabel, o desenhista Maurício de Sousa acreditou em sua carreira como desenhista e criou um dos maiores impérios do segmento. Seus produtos e personagens são conhecidos no mundo inteiro. Mas para isso, ele teve que começar do zero, desenhando cartazes e ilustrações para rádios e jornais de Mogi das Cruzes. No início de sua carreira, procurou emprego em São Paulo como desenhista, mas só conseguiu uma vaga de repórter policial na Folha da Manhã. Começou a desenhar quadrinhos em 1959, quando uma história com seu primeiro personagem, o Bidu, foi aprovada pelo jornal.

No decorrer de sua formação, Maurício afirma que cada época de sua vida teve um mestre. "Aprendi muito com minha mãe e minha prima-babá. A minha avó também teve um grande papel, foi uma figura forte e protetora. Me alimentava com todas as histórias e lendas". Já na época do então "ginásio", o desenhista conta que teve vários mestres notáveis. "O Dr. Paulo, de histó-



Giovanna jamais se esquecerá da maneira como a "Tia Laise" a fez enxergar as letras e o mundo

ria, transformava as aulas numa novela. Queríamos que chegasse logo a seguinte para conhecermos a continuação da 'série'. Com o prof. França, aprendi que as aulas de inglês podiam ser um bate-papo sobre qualquer assunto". Aliás, foi ele quem percebeu o talento que o garoto tinha para desenhar. "Ele me colocava sentado na carteira, à sua frente, e pedia para eu fazer e repetir sua caricatura. Sugeriu que eu, no futuro, seria ilustrador da revista *O Cruzeiro* (na época, a publicação mais importante do pa-

ís). E eu me enchia de orgulho e esperança", lembra.

O desenhista também virou um "rato de biblioteca" por conta de uma professora, a Nair, de português. "Devorava os livros e depois despejava as lembranças nas redações. Devo a ela um dos períodos mais ricos de aprendizado da língua, que usei depois em todas minhas atividades profissionais". Outro grande mestre de Maurício, considerado por ele o "mestre dos mestres" foi o seu pai. "Carinhoso, cuidadoso, queria repar-



O desenhista Maurício de Sousa teve vários professores importantes que influenciaram a sua carreira

tir comigo tudo o que trazia de histórias de vida, poesia, teatro, cinema. E eu bebia dessa fonte com uma sede desenfreada. Depois dos professores e pais, vieram amigos que, em cada tempo e época, me indicaram caminhos e experiências que me enriqueceram muito".

Maurício de Sousa deve a todos esses mestres a construção de sua grande carreira. "Sem esses exemplos eu não poderia estar escrevendo nem desenhando. Sinto que retribuo quando encontro alguém que me conta que aprendeu a ler com as minhas histórias. É sempre uma emoção renovada".

Suas tiras já passaram pelo jornal *Folha de São Paulo* e hoje estão no *O Estado de São Paulo*. Com o tempo, Maurício montou uma grande equipe de desenhistas e roteiristas. Seus quadrinhos têm fama internacional e foram adaptados para o cinema, televisão e vídeo-games, além de terem sido licenciados para comércio em uma série de produtos com a marca das personagens. Mais sobre o trabalho do cartunista no site: www.monica.com.br.

DISCUSSÕES EM CLASSE

O professor de português do Colégio Santa Maria, em São Paulo, Adriano Silva dos Santos jamais se esquecerá do professor de educação artística, chamado Salatiel, que teve na 7ª e 8ª séries, em Carapicuíba (SP). "Ele não chegava e passava o conteúdo na lousa e ponto final. Participava da construção do conhecimento, discutindo com a turma sobre os conteúdos apresentados".

Hoje, para lecionar suas aulas, Adriano se inspira no jeito do professor Salatiel. "Não consigo dar aula de outra forma que não seja com a participação dos alunos. Os estudantes sempre se expressam de maneira muito positiva e conseguem absorver melhor a disciplina".

MUNDO COSMOPOLITA

Foi ainda muito pequeno e com um professor do então primário que o senador Cristovam Buarque (PDT-DF) aprendeu a não ter medo e ver beleza em uma das disciplinas que mais assombra as crianças: a matemática. "Não me recordo o

nome dele, mas foi um professor marcante e fundamental para que eu não sofresse medo da matemática".

Já adulto, após ter se formado em engenharia mecânica, o senador conta que o professor Ignacy Sachs, orientador de seu doutorado na França, foi capaz de transformar a maneira de pensar rígida e lógica de engenheiro em uma mente aberta. "Quando ninguém falava no assunto, aprendi levar em conta os problemas ambientais. Passei a ter uma visão mais cosmopolita - enxergar o mundo inteiro e não apenas o Brasil - e mesmo assim manter meu olhar de nordestino. Ele foi capaz de quebrar a minha ortodoxia e me permitiu ver o mundo de uma maneira heterodoxa".

Cristovam acredita que ambos influenciaram a sua carreira política, mas que antes de qualquer professor, importantes mesmo foram seus pais e a avó materna. "Foram eles que estimularam o meu gosto pela leitura. Sempre me deram livros de presente e acompanharam de perto os meus estudos".

QUASE UM SANTO

Especialista em educação, o professor, palestrante e escritor Hamilton Werneck teve a oportunidade de conviver com um sacerdote italiano que conhecia o Brasil melhor que a Itália: o Padre João Batista Selvaggi, que colecionava títulos no Brasil e no exterior. Entre eles, o de doutor pela Universidade Gregoriana de Roma. "Foi meu orientador e professor em parte do ensino fundamental e médio. Posso afirmar que quase todas as grandes decisões

da vida foram tomadas depois de ouvir a opinião dele".

O padre fez a diferença também fora da sala de aula. "Ensinou-me a procurar soluções dos problemas, enquanto fornecia livros de outros autores para que eu estudasse e conhecesse uma outra abordagem das disciplinas. Ele sempre mostrou a necessidade de se estar preparado para uma vida imprevisível e de estudar buscando uma educação permanente. Estudar mesmo que não houvesse clareza sobre a utilidade do que se estudava", lembra.

Quanto aos valores, Hamilton não têm dúvida. "Tratava-se de uma pessoa capaz de avaliar e elencar pontos importantes para facilitar decisões, nunca direcionando como se quisesse que fosse do modo que mais lhe agradasse. Na hora de decidir sobre vários assuntos, imagino estar conversando com ele e tento supor qual seria a sua orientação, proposta ou sugestão", explica. Embora as pessoas não saibam, o modo com que Hamilton orienta outras pessoas nos dias de hoje leva a marca deste mestre.

Em viagem pelo Rio Grande do Sul, a caminho de Santiago para proferir uma palestra para educadores, o professor acompanhou via celular o sepultamento do seu grande mestre. "Neste momento passou na minha mente, como em um filme de longa-metragem, a sua presença, as suas considerações, o seu amparo e a sua amizade sincera. Ele sempre nos deixava melhor. Hoje, quando penso nele, consigo ficar melhor comigo, tanto pessoal como profissionalmente".



Grupo de Escoteiros Anchieta, em 1988: Hamilton Werneck, 1º à direita e com barba, e o Padre João Batista Selvaggi, ao centro.